

SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA A ORGANIZAÇÃO DAS BRINCADEIRAS DE PAPÉIS SOCIAIS: UM OLHAR HISTÓRICO-CULTURAL

Tais Vitoria Rodrigues¹

Cassiana Magalhães²

Resumo: A pesquisa discute a brincadeira de papéis sociais no período da idade pré-escolar (aproximadamente 3 a 6 anos de idade). A questão norteadora do estudo foi: Como as derivações pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural (THC) podem contribuir com a organização da brincadeira de papéis sociais para crianças de 3 a 6 anos de idade? O objetivo geral foi extrair os subsídios teóricos da THC para a compreensão da brincadeira de papéis sociais com crianças em idade pré-escolar. Como metodologia utilizou-se o estudo teórico, abrangendo autores clássicos da área, Elkonin (1987; 2009), Leontiev (2001; 2017), Vigotski (1996; 2008) e autores contemporâneos, Cheroglu (2014), Facci (2004) e Pasqualini (2009; 2010). Os resultados evidenciaram a importância da compreensão por parte do professor acerca da periodização do desenvolvimento infantil e ainda, o reconhecimento da brincadeira de papéis sociais como fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores tais como: atenção, memória, controle da conduta e imaginação.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural; Brincadeira de papéis sociais; Periodização do desenvolvimento; Educação Infantil.

THEORETICAL SUBSIDIES FOR THE ORGANIZATION OF SOCIAL ROLE PLAY: A HISTORICAL-CULTURAL VIEW

Abstract:

The research discusses social role play in the preschool age period (approximately 3 to 6 years of age). The guiding question of the study was: How can the pedagogical derivations of Historical-Cultural Theory (THC) contribute to the organization of social role play for children aged 3 to 6 years old? The general objective was to extract theoretical support from THC for understanding social role play with preschool children. As a methodology, theoretical study was used, covering classic authors in the area, Elkonin (1987; 2009), Leontiev (2001; 2017), Vigotski (1996; 2008) and contemporary authors, Cheroglu (2014), Facci (2004) and Pasqualini (2009; 2010). The results highlighted the importance of the teacher's understanding of the periodization of child development and also the recognition of social role play as fundamental for the development of higher psychological functions such as: attention, memory, control of conduct and imagination.

Keywords: Historical-Cultural Theory; Role play game; Periodization of development; Early Childhood education.

¹ Universidade Estadual de Londrina.

² Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

A Teoria Histórico-Cultural parte da premissa que o desenvolvimento humano acontece por intermédio das relações sociais, alegando que, ao nascer, o sujeito possui funções psíquicas primitivas, e que, ao se relacionar com outras pessoas, vai desenvolvendo novas habilidades, especificamente humanas. Nessa perspectiva teórica nega-se “[...] a possibilidade de se analisar o desenvolvimento psicológico infantil como um processo meramente natural, caracterizado por fases ou estágios que se sucederiam em uma ordem fixa e universal” (Pasqualini, 2009, p. 32).

Nessa direção, pensar na escola da educação infantil é discutir as possibilidades de ampliação dos repertórios das crianças e do acesso aos bens culturais. No entanto, para compreender as regularidades do desenvolvimento, faz-se primordial o estudo da periodização do desenvolvimento infantil e, com isso, as possibilidades de organização de práticas pedagógicas que visem a promoção das aprendizagens das crianças.

Em vista disso, é importante ressaltar que a infância é um dos períodos mais importantes do desenvolvimento humano. Saito e Oliveira (2018) destacam que a educação infantil se constitui como o início do processo de formação do ser humano. Nesse sentido, ela é um espaço democrático e expressivo, que ocupa um lugar de proporcionar às crianças aprendizagens ricas. Para tanto, se faz importante ter um olhar sensível para as regularidades do desenvolvimento infantil e a compreensão de qual é atividade guia em cada período. Cabe ressaltar que a atividade guia é entendida como “[...] aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento” (Leontiev, 2001, p. 122).

Em cada período da vida, uma atividade guia o desenvolvimento da criança, a saber: comunicação emocional direta, atividade objetual manipulatória e brincadeira de papéis sociais (Elkonin, 1987). No decorrer desse trabalho, será discutido as atividades guia mencionadas e as suas contribuições para o desenvolvimento psíquico das crianças.

A idade pré-escolar, foco do nosso estudo, é o período em que “[...] a criança passa a ser capaz de lidar com os desejos não realizáveis de uma maneira diferente” (Pasqualini; Eidt, 2016, p. 29) e, de acordo com a Teoria Histórico-Cultural, a atividade que guia o desenvolvimento de novas funções psíquicas superiores neste período é a brincadeira de papéis sociais. Para as autoras Marcolino, Barros e Mello (2014), a criança, na brincadeira de papéis sociais, tem sua conduta reestruturada, começando a comparar seu comportamento real com o da brincadeira, assimilando e internalizando as normas sociais do contexto no qual está inserida.

Tal compreensão contribui para a organização do trabalho pedagógico visto que ao entender que quando a criança brinca tem possibilidades de desenvolver funções psicológicas superiores como atenção, memória, controle da conduta e imaginação. Neste sentido, este artigo justifica-se em oferecer subsídios teóricos para organização da brincadeira de papéis sociais para crianças de 3 a 6 anos de idade, evidenciando que, ao conhecer a Teoria Histórico-Cultural e seus períodos de desenvolvimento humano, é possível criar possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças.

Em vista disso, delineou-se como problema de pesquisa: Como as derivações pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural podem contribuir com a organização da brincadeira de papéis sociais para crianças de 3 a 6 anos de idade?

Para tanto, o objetivo geral foi: extrair os subsídios teóricos para a compreensão da brincadeira de papéis sociais com crianças em idade pré-escolar. Os objetivos específicos foram: Discutir a brincadeira de papéis sociais e sua importância para o desenvolvimento das crianças no período da idade pré-escolar à luz da Teoria Histórico-Cultural, e caracterizar as atividades guia do primeiro ano de vida, da primeira infância e da idade pré-escolar, bem como as funções psíquicas engendradas.

Concedemos como procedimento metodológico para a elaboração da pesquisa, o estudo teórico por meio da literatura especializada, abarcando autores clássicos da Teoria Histórico-Cultural, especialmente Elkonin (1987; 2009), Leontiev

(2001; 2017), Vigotski (1996; 2008) e autores contemporâneos como Cheroglu (2014), Facci (2004) e Pasqualini (2009; 2010).

Para Demo (1985), o estudo teórico é aquele que monta e desvenda quadros teóricos de referência, o que justifica nossa escolha, pois, com o recorte, compreendemos que o estudo teórico permite a compreensão de conceitos científicos, a reflexão e a construção do pensamento crítico.

Periodização do desenvolvimento infantil

A Teoria Histórico-Cultural pressupõe que o desenvolvimento dos sujeitos ocorre por meio das relações sociais. O conhecimento não é inato, mas sim um processo construído entre a criança e membros mais experientes do meio social no qual está inserida. Nas palavras de Vigotski (2007, p. 59) “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daquelas que as cercam”.

Essa perspectiva teórica não ignora as condições biológicas do sujeito, mas entende que, a criança precisa de um ambiente social e cultural para desenvolver suas funções psíquicas. Bortolanza e Ringel (2016, p. 1030) explicam que “[...] a criança nasce apenas com as funções psicológicas elementares e a partir do aprendizado da cultura, estas funções transformam-se em funções psicológicas superiores”. Souza e Andrada (2013) apresentam como algumas das funções psicológicas superiores a memória, percepção, atenção, fala, pensamento, vontade e emoção. E acrescentam que essas funções se intercambiam em uma “[...] rede de nexos ou relações e formam, assim, um sistema psicológico, em que as funções se relacionam entre si” (Souza; Andrada, 2013, p. 357).

Nesse sentido, esse tópico abarcará a periodização do desenvolvimento infantil, explicitando as atividades que guiam o processo de desenvolvimento das funções psíquicas superiores das crianças, desde o primeiro ano de vida até a idade pré-escolar.



A periodização do desenvolvimento infantil revela a forma que a criança se relaciona com o meio. Pasqualini e Eidt (2016, p. 101) explicam que “[...] os períodos de desenvolvimento infantil são condicionados pela forma de organização social e (re)produção da existência a cada momento histórico”. Isto é, esses períodos não são estáticos e não seguem ordens lineares, são influenciados por aspectos de cada sociedade e podem se desenvolver de diferentes formas.

Pasqualini e Eidt (2016) apontam que Vigotski discute a ideia de que em cada período do desenvolvimento psíquico o ser humano se relaciona com o mundo de uma maneira. Em vista disso, compreende-se a importância de ter um olhar sensível e crítico a respeito das atividades guia, visto que essas criarão as condições necessárias para que a criança interaja e se relacione com o meio. Pasqualini e Eidt (2016, p. 103) acrescentam que a “[...] atividade é então o elo que liga o sujeito ao mundo”.

A periodização do desenvolvimento infantil, na perspectiva de Elkonin (1987), passa por diferentes períodos. Cada período será conduzido por uma atividade guia. A primeira atividade guia é denominada pelo autor como comunicação emocional direta, transmutando para atividade objetal manipulatória, até chegar na brincadeira de papéis sociais, que se caracteriza como objeto principal deste trabalho.

Cada período representa uma complexificação no nível de desenvolvimento psíquico da criança. Nesse sentido, Pasqualini e Eidt (2016, p. 104) explicam que: "A transição a um novo período é, portanto, marcada pela mudança na atividade guia, que expressa ao mesmo tempo em que produz um salto qualitativo na consciência da criança, engendrando uma mudança qualitativa na sua relação com a realidade".

É importante pontuar que uma atividade nasce no interior da outra e, quando uma se desenvolve, a anterior não deixa de existir e, ainda, que “[...] não é a idade cronológica da criança que determina o período do desenvolvimento psíquico em que ela se encontra: a idade representa um parâmetro relativo e historicamente condicionado” (Pasqualini; Eidt, 2016, p. 102).

Atividades guia do desenvolvimento humano

A comunicação emocional direta é a atividade guia do primeiro ano de vida. Mello (2015, p. 8) explica que “[...] a comunicação começa a acontecer quando a criança toma consciência de que alguém a cuida e por isso reage frente a tal pessoa de maneira nova”. A autora acrescenta a reflexão de que a criança pequeninha, não tendo como se comunicar convencionalmente, mantém uma comunicação emocional com a pessoa que a cuida. Nesse primeiro período, a criança é totalmente dependente dos cuidados de alguém.

Facci (2004) explica que o bebê, ao não conseguir satisfazer suas necessidades biológicas sozinho, passa a usar expressões para demonstrar satisfação ou insatisfação a respeito de algo. Ou seja, a criança expressa uma necessidade por meio do choro, sorriso e movimentos. Nesse sentido: "O adulto precisa estar ciente de que seu vínculo emocional com o bebê, refletido nas formas pelas quais se relaciona com ele, é condição primária e primeira para a promoção de seu desenvolvimento, mesmo antes que a atividade propriamente dita do bebê se objective" (Cheroglu, 2014, p. 125).

Esses recortes corroboram para a reflexão de que o ambiente social e cultural em que a criança está inserida são importantes para o processo de desenvolvimento. Para o bebê tudo é a primeira vez e, se ele tem a presença de um adulto cuidador que compreende sua maneira de se comunicar, que o acolhe e oferece colo quando necessita, logo, seu desenvolvimento percorrerá caminhos mais seguros que o da criança que é deixada chorando, rotulada como birrenta e mal-educada. Isso porque a criança tem máxima dependência dos adultos, e as necessidades que ela tem permitirão o estabelecimento da comunicação emocional direta. Vigotski (1996) explica que no primeiro ano de vida, o desenvolvimento do bebê baseia-se na contradição de sua máxima sociabilidade e suas mínimas possibilidades de comunicação. Isso significa que a criança é sociável, no entanto, muitas vezes, não tem a possibilidade de socializar e estabelecer a comunicação emocional com quem a cuida.



Cabe ressaltar que a criança se comunica com o mundo tendo o adulto cuidador como mediador, por isso a sua importância na criação de novas necessidades. Tais necessidades criam novos interesses: o que inicialmente estava presente na relação bebê-adulto passa também a acontecer com os objetos, por meio da linguagem na relação com os adultos. Cheroglu (2014, p. 100) explica que:

Uma vez que o bebê tenha desenvolvido novas propriedades, a atividade de comunicação emocional direta não cessa de existir, ela passa a estar subordinada às novas relações da criança pequena com a realidade. Entre as propriedades do desenvolvimento que se vinculam diretamente à promoção das novas relações da criança em sociedade e o concomitante surgimento dessa nova atividade, destacam-se a formação inicial da linguagem, a reorganização da percepção e o desenvolvimento sensório-motor.

Nessa perspectiva, novas necessidades são criadas e engendram uma nova atividade guia, denominada de objetal manipulatória. A atividade objetal manipulatória é a atividade guia da primeira infância, e é gestada desde o período da comunicação emocional direta. Eidt e Magalhães (2015) salientam que, nesse contexto, surgem as ações sensório-motoras, formando os movimentos de prender e o ato de agarrar. Isso nos possibilita refletir que, nesse contexto, a criança começa a engendrar sua motricidade, desenvolvendo o domínio de suas ações e passando a conhecer o mundo por meio da exploração dos objetos. Pasqualini (2010, p. 184) evidencia que “[...] o domínio dessas ações é impossível sem a participação dos adultos, que as mostram para as crianças e as realizam juntamente com elas”.

Para Facci (2004) a atividade objetal manipulatória parte de uma colaboração prática. Assim dizendo, a criança ainda depende dos cuidados do outro, mas, com a colaboração do adulto, pode explorar os objetos e conhecer as funções sociais deles. Marcolino, Barros e Mello (2014, p. 99) indicam que "os adultos, ao fazerem uso dos objetos, demonstram os modos sociais de uso destes que logo serão utilizados com autonomia pela criança". Para tanto, ressalta-se a necessidade e a importância de proporcionar que a criança tenha acesso a diferentes acervos de objetos, cores variadas, tamanhos, formas e texturas diferentes, que estejam ao seu alcance e campo de visão, para que possa explorá-los.

Nesse período, a criança começa a ampliar seu vocabulário, que foi gestado desde o primeiro ano de vida, com os balbúrcios. Eidt e Magalhães (2015) explicam



que a ampliação do vocabulário das crianças deve-se ao crescimento do interesse que elas têm pelos objetos e pela compreensão dos mesmos. A linguagem é um instrumento de comunicação muito importante. Geraldi (1999) ressalta que a linguagem é um instrumento de comunicação e interação, que faculta as relações entre os sujeitos e a expressão do pensamento. A criança, por meio da linguagem “[...] não assimila apenas signos verbais (palavras), mas, sobretudo, elabora as significações socialmente construídas que os mesmos representam (Rambo, 2017, p. 53). Isso permite o entendimento de que a linguagem, não só é uma função psíquica superior, mas também corrobora para que a criança adquira e amplie o repertório cultural e desenvolva funções psíquicas cada vez mais complexas. Nessa perspectiva, Facci (2004, p. 68) escreve que:

[...] As funções psicológicas superiores (tipicamente humanas, tais como a atenção voluntária, memória, abstração, comportamento intencional etc.) são produtos da atividade cerebral, têm uma base biológica, mas, fundamentalmente, são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos.

Para tanto, podemos refletir que quanto mais a criança se apropriar da linguagem, mais desenvolverá seu psiquismo e, ao passo que desenvolver suas funções psicológicas superiores, mais autônoma será. Nesse sentido, no interior da atividade objetual manipulatória, será gestada a próxima atividade guia: a brincadeira de papéis sociais.

A brincadeira de papéis sociais, ou jogo protagonizado, como também é chamado, é a atividade guia do desenvolvimento das crianças na idade pré-escolar. Vigotski (2008) indica que a brincadeira é fonte para o desenvolvimento. No mesmo sentido, Pasqualini e Eidt (2016, p. 31) explicam que “[...] o jogo será, então, o caminho pelo qual ela buscará penetrar nesse universo, desvendando-o e elaborando significados sobre ele”. Isso significa que a brincadeira de papéis sociais revelará uma nova forma de interação entre a criança e o mundo, que dará condições para o desenvolvimento da imaginação criadora e para a ampliação do repertório infantil.

Na brincadeira de papéis sociais, a característica que predomina é a capacidade de imitação. Elkonin (2009) salienta que, no jogo, a criança representa ações diferentes e passa a adquirir um caráter construtivo. As autoras Marcolino, Barros e Mello (2014) reiteram que, na brincadeira de papéis sociais, a criança tem sua conduta reestruturada, começa a comparar seu comportamento real com o da brincadeira, assimilando e internalizando as normas sociais do contexto no qual está inserida. No mesmo sentido, Costa (2019) apresenta que a brincadeira é um meio de proporcionar significado e sentido a aspectos da vida social, como regras e hábitos.

Na idade pré-escolar descortina-se para a criança o mundo das relações sociais. Assim, manifesta-se a necessidade de agir como o adulto; todavia, concretamente isso é impossível, então ela satisfaz essa necessidade na brincadeira, criando uma situação imaginária, interpretando papéis sociais, desempenhando as ações que os caracterizam e utilizando objetos substitutos (Marcolino; Barros; Mello, 2014, p. 101).

Os apontamentos nos proporcionam a reflexão de que a brincadeira permite que a criança se relacione com o mundo de uma maneira única, por meio de conteúdos que “[...] estão interligados ao modo como a criança se relaciona com o mundo à sua volta, reestruturando as diferentes relações entre organismo e personalidade” (Costa, 2019, p. 36).

Elkonin (2009, p. 42) explica que “[...] todos reconhecem que o conteúdo do jogo infantil está relacionado com a vida, o trabalho e a atividade dos membros adultos da sociedade”. Isso possibilita a reflexão de que essa atividade, quando organizada com intencionalidade e objetivos educacionais, pode contribuir com que a criança amplie seu repertório de saberes sobre a vida e a sociedade.

No quadro a seguir estão sintetizadas as atividades guias e as características principais de cada uma, do primeiro ano de vida até a idade pré-escolar.

Quadro 1 – Atividade guia e características principais

ATIVIDADE GUIA	CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS
Comunicação emocional direta	<p>Uso de expressões como riso e choro para expressar necessidades.</p> <p>Exercício dos sentidos.</p>

	Balbuícios.
Atividade objetual manipulatória	Desenvolvimento de ações sensório-motoras. Engendramento da motricidade. Ampliação do vocabulário.
Brincadeira de papéis sociais	Capacidade de imitação. Reestruturação de conduta. Internalização de regras e normas sociais.

Fonte: As autoras, 2022.

Cabe enfatizar que as atividades guias são engendradas a depender das condições de vida e educação. Nesse sentido, na instituição de educação infantil, ressalta-se o papel fundamental do(a) professor(a) ao organizar intencionalmente as práticas pedagógicas para criar as condições necessárias para a promoção da aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

A brincadeira de papéis sociais e sua importância para a promoção do desenvolvimento psíquico no período da idade pré-escolar

Neste tópico pretendemos discutir a importância da brincadeira de papéis sociais para o período da idade pré-escolar, enfatizando as contribuições da Teoria Histórico-Cultural. É importante salientar que a palavra jogo será mencionada quando citada pelos autores, no entanto, entendida aqui como brincadeira de papéis sociais, diferenciada de outros tipos de jogos (tabuleiros, jogos com regras e outros).

Para Elkonin (2009, p.48), “[...] a natureza dos jogos infantis só pode compreender-se pela relação existente entre eles e a vida da criança na sociedade”. Isso significa que a brincadeira de papéis não é estática e linear, ela se constrói da situação social que a criança desempenha na sociedade. Marcolino, Barros e Mello (2014, p. 98) discutem que

O jogo protagonizado surge com a nova posição social da criança: como não pode ser inserida na sociedade através de uma atividade diretamente útil, ela reconstitui, por meio do jogo, esferas da vida adulta que não lhe estão diretamente acessíveis, atividade que lhe oportunizará a socialização,



desenvolvimento de habilidades, da imaginação criadora, construção de saberes e a internalização de regras do contexto social a qual está inserida. Elementos os quais são essenciais para a construção do sujeito como ser humano que pensa, reflete e interage na sociedade.

Ao nos referirmos à brincadeira de papéis, é importante notarmos que a sua estrutura também se modifica: vai de jogos sem enredo, com episódios desconexos até se desenvolver em jogos com argumentos determinados (Elkonin, 2009). O autor acrescenta que, para as crianças pequenas, a brincadeira de papéis é um reflexo da vida pessoal, de acontecimentos imediatos, enquanto para as crianças maiores, é a expressão de acontecimentos sociais que lhe foram mostrados ou vividos antes. Além disso, Elkonin apresenta que:

Estudou-se a importância do jogo com fins educativos. Estudou-se a importância do jogo para desenvolver a independência, a comunicabilidade e o coletivismo das crianças, para impulsionar a sua assimilação das normas morais, para enriquecer suas noções acerca da vida circundante etc. (Elkonin, 2009, p. 239).

Nesse sentido, reflete-se sobre a importância de criarmos as condições para o acesso à brincadeira de papéis para crianças, visto que ela promoverá ações lúdicas, que podem criar condições para que os pequenos se tornem cada vez mais independentes. A vista disso, pode-se organizar tempo, espaço, recursos, brinquedos e cenários, criando junto às crianças um enredo e intencionando a participação, exploração e especialmente, o desenvolvimento da imaginação, entendida como “[...] uma forma complexa de atividade humana” (Gobbo, 2018, p. 81). Para tanto, cabe ressaltar o importante papel do (da) professor (a):

[...] mediante uma ação intencional e planejada do professor ao preparar o espaço e o tempo e ampliar o repertório cultural infantil, é possível que a criança avance no modo de realização da brincadeira de papéis sociais, em graus cada vez mais complexos, ativando e desenvolvendo funções psíquicas que elevam seu nível de desenvolvimento (Oliveira, 2020, p. 7).

Com isso, revela-se a importância das brincadeiras de papéis sociais. A criança, não podendo ser inserida em trabalhos destinados aos adultos, realiza tais ações por meio das brincadeiras de faz de conta. Nesse sentido, podemos compreender que a ampliação do repertório de saberes possibilita o desenvolvimento de novas funções psíquicas, entre elas a imaginação. Conforme Mello (2015, p. 9):

Enquanto brinca, exercita e desenvolve a imaginação, o pensamento, a linguagem; ao fazer de conta que é outra pessoa – em geral mais velha –,



exercita e aprende a controlar sua conduta; ao substituir os objetos ausentes necessários ao faz-de-conta por objetos presentes, ela forma e desenvolve a função social da consciência ou sua capacidade de usar um objeto para representar outro.

O desenvolvimento das funções psíquicas vai tornando a criança cada vez mais humana, revelando outra vez a importância da brincadeira, visto que à medida que a criança desenvolve capacidades engendradas por meio do brincar de faz de conta, vai se tornando mais autônoma e livre. Isso significa que à medida que a criança vai se apropriando do mundo a sua volta, mais rica se tornam as suas relações com os outros.

Interpretamos a brincadeira de papéis sociais não como auxiliadora do aprendizado, mas sim como a principal e mais importante forma de interação entre as crianças em idade pré-escolar e o mundo. “A brincadeira não é uma forma predominante de atividade, mas, em certo sentido, é a linha principal do desenvolvimento na idade pré-escolar” (Vigotski, 2008, p. 24). Isso significa que o acesso à brincadeira de papéis sociais é essencial na vida das crianças e é papel da educação infantil garanti-lo. Esse espaço precisa se consolidar como um ambiente democrático e expressivo, permitindo que a criança acesse bens culturais e vivencie situações que não lhe seriam possíveis fora do ambiente escolar.

Cabe a educação infantil criar as condições adequadas para que a criança conquiste experiências e amplie seu repertório cultural. Em vista disso, é pertinente destacar a afirmação de Carbonieri (2021, p. 38), a qual indica que “[...] a instituição escolar é o lugar ideal para essas conquistas, posto que é por meio do trabalho pedagógico que o docente pode organizar esse processo para possibilitar o acesso da cultura mais elaborada a todas as crianças”. Nesse ângulo, pensar na organização do espaço da educação infantil é indispensável, bem como na organização de acervo de objetos e do tempo.

Nessa perspectiva, nota-se a importância de profissionais da educação compreenderem os períodos de desenvolvimento e verem as crianças como sujeitos históricos e culturais, com direitos garantidos. No entanto, “[...] não basta considerar a criança como sujeito de direitos, é preciso criar condições para que se torne um

sujeito cada vez mais humano” (Rambo, 2017, p. 47), pensando em possibilidades que favoreçam a ampliação de repertório das crianças. Para as autoras Pasqualini e Eidit (2016, p. 20):

Cada novo período do desenvolvimento representa uma mudança na relação da criança com o mundo e consigo mesma. Assim sendo, é fundamental que o professor compreenda as novas possibilidades de ação da criança no mundo, para que possa oferecer novas formas de mediação educativa promotoras de desenvolvimento.

No mesmo sentido, Alexandrino (2017) indica que os profissionais que trabalham em contextos de educação infantil, tem a função de mediar o aprendizado das crianças, contribuindo com a elaboração de aprendizados cada vez mais complexos.

Nesta direção, compreendemos que a brincadeira de papéis sociais contribui com o processo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Para tanto, as condições adequadas de tempo e espaço precisam ser organizadas pelo(a) professor(a) da educação infantil, o que demanda conhecimento teórico acerca da sua importância para o desenvolvimento humano.

Considerações Finais

Em virtude dos aspectos mencionados, podemos considerar que em cada período do desenvolvimento a criança se relaciona com o mundo de uma maneira. Compreendemos que conhecer as atividades que guiam cada período do desenvolvimento infantil é essencial para o trabalho pedagógico nas instituições educativas, especialmente para orientar e qualificar o trabalho docente.

Em relação ao questionamento inicial: Como as derivações pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural podem contribuir com a organização da brincadeira de papéis sociais para crianças de 3 a 6 anos de idade? Verificamos que, ao passo que conhecemos uma teoria capaz de conduzir a nossa prática, podemos criar necessidades e enriquecer as possibilidades de aprendizagem das crianças, por meio da organização do tempo, espaço e recursos, possibilitando saltos qualitativos no seu desenvolvimento.



Compreendemos que a brincadeira de papéis sociais é a principal forma que a criança interage com o mundo no período da idade pré-escolar e, por meio dela, podem ser engendradas aprendizagens fundamentais, como o desenvolvimento da linguagem e da imaginação das crianças. Defendemos que brincar de faz de conta não é uma atividade para passar o tempo, mas sim uma prática humanizadora, que insere a criança na sociedade.

Refletimos que a brincadeira de papéis sociais precisa ser preservada e que é papel dos professores e da instituição de educação infantil assegurar e garantir esse acesso com qualidade. Cabe aos profissionais da educação infantil criar novas necessidades de aprendizagem, organizando os recursos para que a brincadeira aconteça, no sentido de enriquecer os enredos da brincadeira e torná-la cada vez mais rica por meio da ampliação dos repertórios culturais.

Portanto, pode-se considerar que os referenciais teóricos estudados trouxeram contribuições ricas a respeito da temática. Por meio deles, conseguimos discutir a periodização do desenvolvimento infantil, do primeiro ano de vida, da primeira infância e a idade pré-escolar, caracterizando as especificidades de cada período e sua importância.

Tal compreensão nos permitiu afirmar a relevância da brincadeira de papéis sociais para o desenvolvimento psíquico das crianças no período da idade pré-escolar.

Referências

ALEXANDRINO, Vanessa da Cruz. **Concepções de Psicólogos (as) escolares e educadores (as) Infantis Sobre o Desenvolvimento e a Habilidade de Comunicação Intencional Infantil**. 2017. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia social). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9058?locale=pt_BR. Acesso em: 20 nov. 2021.

BORTOLANZA, Ana Maria Esteves; RINGEL, Fernando. Vygotsky e as Origens da Teoria Histórico-Cultural: Estudo Teórico. **Educativa**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 1020-1042, set./dez. 2016. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/5464/3021>. Acesso em: 19 ago. 2021.

CARBONIERI, Juliana. **As experiências estéticas como promotoras do desenvolvimento da imaginação no período da idade pré-escolar à luz da Teoria Histórico Cultural.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.

CHEROGLU, Simone. **Educação e desenvolvimento de zero a três anos de idade: contribuições da psicologia histórico-cultural para a organização do ensino.** 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/115834/000805818.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 maio. 2022.

COSTA, Selma Aparecida Ferreira da. **Um estudo sobre o desenvolvimento da função simbólica da consciência e o processo de humanização da criança na educação infantil.** 2019. 252 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191310/costa_saf_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 28 mar. 2022.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

EIDT, Nadia Mara; MAGALHÃES, Cassiana. A primeira infância e a atividade objetual manipulatória. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA DA UEM, 6., 2015, Maringá. Anais [...].* Maringá: Teatro Calil Haddad; UEM, 2015.

ELKONIN, Daniil Borisovich. **Psicologia do jogo.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ELKONIN, Daniil Borisovich. Sobre el problema de la periodización del desarrollo psíquico en la infancia. *In: DAVÍDOV, Vasili; SHUARE, Martha (org.). La psicología evolutiva e pedagógica en la URSS.* Moscú: Editorial Progreso, 1987. p. 104-124.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. **Caderno Cedes,** Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622004000100005>. Acesso em: 19 mar. 2022.

GERALDI, João Wanderley. et al. (org.). **O texto na sala de aula.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GOBBO, Gislaine Rossler Rodrigues. **O desenvolvimento da imaginação infantil mediado por gêneros discursivos e objetivado em desenhos e brincadeiras de papéis sociais.** 2018. 291 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2018. Disponível em:



União
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº2, jul/dez 2024. – PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153227/gobbo_grr_dr_mar.pdf?squence=4&isAllowed=y. Acesso em: 01 fev. 2022.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevitch. As necessidades e os motivos das atividades. *In*: LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (org.). **Ensino Desenvolvimental Antologia Livro 1**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2017. p. 39-57.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaevitch. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. *In*: VIGOTSKII, Lev Semionovitch.; LURIA, Alexander Romanovitch; LEONTIEV, Aleksei Nikolaevitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, 9. ed. São Paulo: Ícone, 2001. p. 119-142.

MARCOLINO, Suzana; BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de; MELLO, Suely Amaral. A teoria do jogo de Elkonin e a educação infantil. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 97-104, jan/abr. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100010>. Acesso em: 21 mar. 2022.

MELLO, Suely Amaral. Contribuições da teoria histórico-cultural para a educação da pequena infância. **Revista Cadernos de Educação**, n. 50, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/5825/4249>. Acesso em: 7 mar. 2022

OLIVEIRA, Isabela Gonçalves de. **O papel da intervenção Pedagógica Nas brincadeiras de Papéis Sociais Para o Desenvolvimento da Criança Em Idade Pré Escolar**. 2020. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Marília, SP. 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191866>. Acesso em: 13 out. 2021.

PASQUALINI, Juliana Campregher. A perspectiva Histórico-Dialética da Periodização do Desenvolvimento Infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 31-40, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RWgYCJ8KJvkYfjzvDbcF3PF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2022.

PASQUALINI, Juliana Campregher. O papel do professor e do ensino na educação infantil: a perspectiva de Vigotski, Leontiev e Elkonin. *In*: MARTINS, Lígia Márcia; DUARTE, Newton (org.). **Formação de professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo: *Cultura Acadêmica*. São Paulo, 2010. p. 161-191.

PASQUALINI, Juliana Campregher; EIDT, Nádia Mara. Periodização do desenvolvimento psíquico e ações educativas. *In*: PASQUALINI, Juliana Campregher; TSUHAKO, Yaeko Nakadakari. (org.). **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP**. Bauru: Secretaria Municipal de Educação de Bauru, 2016, p. 101-148.



União
Unidade Acadêmica
de Humanidades,
Ciências e Educação



Criar Educação, Criciúma, v. 13, nº2, jul/dez 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452

RAMBO, Elsa Maria. **Paulo Freire**: diálogos no âmbito da educação infantil - estudo de caso do município de Concórdia – SC, 2000-2016. 2017. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1587/1/RAMBO.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2022.

SAITO, Heloísa Toshie Irie; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de. Trabalho docente na educação infantil: olhares reflexivos para a ação intencional e planejada do ensino. **Imagens da Educação**, v. 8, n. 1, p. e39210, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v8i1.39310>. Acesso em: 07 abr. 2022.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 355-365, jul/set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/F937bxTgC9GgpBJ8QhCKs6F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, “In. 8, p. 26-36, jun. 2008. Disponível em: <https://atividadart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a>. Acesso em: 30 maio. 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras Escogidas**: psicologia infantil. Tomo IV. Madrid: Visor Distribuciones S. A., 1996.

Recebido dezembro de 2022.

Aprovado abril de 2024.